

AS PRODUÇÕES CINEMATOGRAFICAS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA

Jefferson Carneiro de Melo ¹

Wesley Albino da Silva ²

Viviane da Silva Vasconcelos ³

RESUMO

O filme é uma obra de arte que encanta a humanidade desde o século XIX, ilustrando histórias reais e fictícias. O presente estudo teve como objetivo utilizar as produções cinematográficas como ferramenta pedagógica para maximizar o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula com os estudantes do ensino médio de uma escola pública. A abordagem metodológica adotada permitiu conectar os conteúdos teóricos a episódios ilustrativos, gerando uma experiência educacional imersiva. Nesse contexto, a pesquisa baseou-se em uma análise qualitativa de filmes e documentários selecionados, que abordam temas geográficos, como questões ambientais, urbanização, política, economia e dinâmica social. A partir das imagens em movimento catalogadas, promoveram-se discursões e reflexões que contribuíram para formação do pensamento crítico e a interpretações de problemas em escala global e local por parte dos educandos. Além disso, a pesquisa contribuiu para a ampliação de repertório necessário à construção de textos dissertativo-argumentativo e ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares. Por fim, os resultados da pesquisa evidenciaram que o filme é um recurso educacional precioso para o ensino da ciência geográfica. Ao aliar a narrativa visual e emocional, o uso das produções audiovisuais possibilitou aos alunos desfrutarem de diferentes realidades e paisagens, facilitando a compreensão e assimilação de múltiplos processos que se reproduzem no espaço geográfico.

Palavras-chave: Filme, Geografia, Ensino-aprendizagem, Estudantes.

INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a explorar o potencial de filmes e documentários como ferramenta pedagógica para abordar temas do componente curricular de Geografia, uma vez que ministrar os conteúdos de forma tradicional não é eficaz para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. A Geografia é uma ciência dinâmica, pois explora os diversos fenômenos que acontecem no planeta Terra, tendo por objeto de estudo o espaço geográfico, campo da relação entre ser humano e a natureza.

Na contemporaneidade, é fundamental a adoção de instrumentos que potencializem o processo de ensino-aprendizagem, um deles é as imagens em movimento. Nesse contexto, rompeu-se a dinâmica expositiva, gerando um ambiente de imersão

¹ Graduado do Curso de Geografia da Universidade de Pernambuco - PE, jeffersoncdml@gmail.com;

² Graduado do Curso de Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco - PE, weslleyalbino@gmail.com;

³ Mestra em Educação pela Universidade Pernambuco – PPGE/UPE, viviane_vasconcellos@outlook.com.



cinematográfica. Foi criado espaços para exibição da sétima arte e em seguida foi desenvolvida rodas de conversa e aplicação de questionários, que constatou o aperfeiçoamento dos saberes geográficos e ampliou o repertório sociocultural dos estudantes de uma escola do ensino médio.

Assim, este estudo evidencia que filmes e documentários tornam o ensino de Geografia mais significativo e engajador, estimulando o pensamento crítico e a consciência sobre questões sociais e ambientais.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, adotou um caráter qualitativo e explicativo, fundamentou-se em um levantamento de dados bibliográficos com o objetivo de analisar as contribuições do cinema para o ensino de Geografia. Foram selecionadas produções audiovisuais de grande aceitação do público infantojuvenil, com grande pertinência aos conteúdos geográficos e potencial enriquecedor do repertório sociocultural. As exibições foram realizadas durante as aulas de Geografia com os estudantes do Ensino Médio de uma escola pública, seguidas de rodas de conversa, produção de resumos e aplicação de questionários diagnósticos. A pesquisa respeitou o anonimato dos estudantes e foi apenas com fins científicos e pedagógicos. Os dados coletados foram analisados por meio de categorias temáticas (meio ambiente, urbanização, geopolítica e cultura de massa), permitindo avaliar o impacto do cinema na aprendizagem e na formação crítica dos educandos.

O USO DE FILMES COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Na contemporaneidade, muitos professores enfrentam vários desafios na sala de aula, entre eles, despertar o interesse dos educandos pelo conteúdo. Reproduzir o método tradicional de ensino que coloca professor como detentor do conhecimento e o estudante como mero receptor releva-se ineficaz, assim como a uso recorrente da lousa e do livro didático. Por consequência, o processo de ensino-aprendizagem fica seriamente comprometido.

Durante muitos anos a Geografia foi estigmatizada como componente curricular que obrigava os estudantes a decorarem o nome de países e rios, tendo caráter estritamente teórico e abstrato, provocando certo desinteresse. Diante de tal problemática, Neto e Barboza (2010), discorrem que a Geografia tem viés estratégico, possibilita aos



estudantes o estudo dos fenômenos que correm ao seu redor, campo de grande significação, como também eventos socioambientais em escala global.

Na era do uso das metodologias ativas, o cinema é uma das ferramentas para potencializar a formação dos indivíduos. O filme tem a capacidade de despertar no espectador emoções e sensações, faz sorrir ou chorar, conduz ao mundo imaginário e/ou retrata a realidade. Para Napolitano (2013) o filme vai muito além de entretenimento, ele carrega inúmeros contextos e possibilita a expansão cultural, como também é uma ferramenta didática em potencial.

A cinematografia não é uma ferramenta didática recente nem restrita à Ciência Geográfica, é usada por diversas ciências para ilustrar fenômenos e ampliar o número de cinéfilos. A difusão desta ferramenta artística, de acordo com Rossini (2006, p. 113-114), iniciou em:

[...] fins do século XIX, o cinema passou a atrair a atenção do grande público, tornando-se, ao longo do século XX, uma imponente indústria produtora e difusora de sonhos, comportamentos, memórias, versões de histórias. Ao cinema, em meados daquele século, veio juntar-se a televisão, que rapidamente se tornou o principal meio de comunicação de milhares de pessoas ao redor do mundo.

Em concordância com Fox (2005), foi no ano de 1901 que pela primeira vez as imagens em movimento foram utilizadas em uma aula de Geografia. Nesse contexto, percebe-se que o material em questão auxiliou os docentes a suprirem a dificuldade de levar os estudantes para os mais diversos espaços, devido as distâncias e questões econômicas. Além disso, Cipoline (2008) argumentou sobre a influência positiva da comunicação visual na construção do saber ao desenvolver o senso crítico-reflexivo dos alunos.

É fulcral que a educação escolar ofereça aos discentes saberes por meio da linguagem cinematográfica. Os filmes ilustram as mais diversas camadas e os contextos da sociedade, apresentando a diversidade e os conflitos. Sob essa perspectiva, o uso das novas tecnologias no chão da escola dinamiza a formação dos cidadãos. Para Carmo (2003, s/p) afirma:

[...] cinema como prática pedagógica pode fazer o aluno se interessar pelo conhecimento, pela pesquisa, pelo modo mais vivo e interessante que o ensino tradicional, apoiado em aulas expositivas e seminários. O porquê do cinema na escola só se justifica se ele desperta o interesse pelo ensino no sentido tradicional e, ao mesmo tempo, mostra novas possibilidades educacionais apoiadas na narrativa cinematográfica.



Ao contemplar filmes, séries e documentários que abordam temas geográficos, o nível de compreensão dos múltiplos fenômenos que se reproduzem no planeta Terra é ampliado e aprimorado. Por conseguinte, Silva e Junckes (2009, p. 14), discorrem que: “muitos brasileiros não conhecem a neve, mas a viram em filmes e ao ouvir a palavra neve (conceito) produzem uma imagem que esse conceito comunica, como flocos gelados e brancos que ocorrem no frio.” Assim, uso de filmes em aulas de Geografia consegue ilustrar com riqueza de detalhes elementos que não fazem parte do contexto que o aluno está especializado.

Portanto, cada imagem em movimento exibida em sala de aula oferece aos discentes a combinação do real com o imaginário, simulam contextos e cenários que abordam os mais diversos espaços. A película é uma ferramenta que dialoga com várias linguagens, pois toca em vários conteúdos, tornando-se, assim, uma vivência multidisciplinar.

Outro ponto que merece destaque é que o cinema é um dos temas transversais da Lei de Diretrizes e Bases Educação de 1996, visto que o filme tem por objetivo contextualizar os valores humanos e a diversidade cultural dos povos. Consoante dados dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 4) é fundamental que os estudantes “dominem os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade”.

A partir de 2014, a Lei nº 13.006 veio fortalecer a exibição de filmes nas escolas da educação básica do país. É um importante instrumento que direciona o currículo do ensino fundamental e médio a incluir a exibição de obras cinematográficas de produção nacional com duração mínima de duas horas por mês, como parte integrante da proposta pedagógica da escola. Nessa conjuntura, é indiscutível o impacto positivo da lei para a promoção da cultura nacional, acesso dos estudantes as obras locais e desenvolvimento do senso crítico dos estudantes.

Contudo é necessário estabelecer critérios para usar os filmes para construção do conhecimento. Os filmes não podem ser utilizados para preencher a carga horária ou substituir um professor, como fazem algumas instituições de ensino. Eles devem ser usados com rigor e planejamento. Para Campos (2006), as obras cinematográficas servem para revisar os conteúdos estudados, gerando aprofundamento e envolvendo dos educandos com narrativas ilustrativas e dinâmicas visuais.



Convém enfatizar que a utilização da obra audiovisual deve ser inserida em consonância com os conteúdos estudados. Além disso, cabe ao docente estabelecer uma mediação clara e objetiva sobre o que é fictício e o que é real. De acordo com Campos (2006), o professor é peça fundamental para que o estudante consiga assistir ao filme de forma crítica, pois, ao indicar os elementos, os fenômenos passam a ser vistos e ouvidos de maneira diferente. Do mesmo modo, Campos (2006, p. 10) pontua que: “o filme deve ser inserido naquilo que se pretende trabalhar, em um processo de buscas de interpretações com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo”.

Além disso, a obra de cinema pode ser usada como instrumento de sensibilização e estímulo ao debate entre os alunos sobre temas atuais. Nesse hiato, percebe-se ao vislumbrar contextos diversos, o aluno amplia seu repertório sociocultural, ao discutir temas como: racismo, violência de gênero, desigualdade social, entre outros. Na visão de Viana, Rosa e Orey (2014) a linguagem do cinema visa explorar de maneira significativa as perspectivas sociais e culturais do imaginário social que envolve a escola e seus sujeitos. Napolitano (2013, p.11-12) ressalta que:

[...] trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre algumas possibilidades para o trabalho escolar [...].

Os filmes, documentários, curtas-metragens são instrumentos didáticos que corroboram com a missão do professor de geografia que é estudo do espaço geográfico. Contudo, é notório que o objetivo central das obras não é ser ferramenta didática, visto que Bluwol (2009, p.100) argumenta: “[...] ainda que não com uma preocupação afirmadamente geográfica, consegue representar aspectos fundamentais do viver humano em sua dimensão geográfica”. Nesse cenário, é crucial que a Geografia se dedique à análise de materiais culturais, no âmbito do cinema, uma vez que tais materiais influenciam na forma como os indivíduos se produzem o espaço geográfico.

Na concepção de Fioravante e Ferreira (2016) os documentários considerados claramente geográficos, tornaram-se instrumentos didáticos mais rapidamente dos professores de geografia, devido retratarem com clareza as singulares do espaço e detalhes das mais diversas paisagens.



Entretanto, é mister desenvolver no alunado um senso crítico sobre as obras cinematográficas, pois todas carregas uma ideológica e partes ficcionais. Fioravante e ferreira (2016, p. 219) aponta:

“[...] um dos maiores desafios da utilização de filmes no ensino de Geografia parece estar diretamente relacionado com a necessidade de criar nos estudantes a habilidade de pensar criticamente acerca das imagens as quais estão sendo expostos”.

Nessa conjuntura, cabe ao mestre, no primeiro momento, explicar o conteúdo, promover uma roda de discussão, sondar o conhecimento absorvido pelos estudantes e, em seguida, direcioná-los aos elementos da película.

RESULTADOS E DISCURSÕES – O CINEMA EM CLASSE: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

A partir dos anos 2000 o acesso as salas de cinema no Brasil foram ampliadas, graças a expansão do número de templos da sétima arte. As imagens em movimento também chegaram aos espaços do saber, tornando-se ferramenta didática rica para construção do conhecimento. O uso de filmes para o ensino de geografia dinamiza o processo de ensino-aprendizagem, desenvolve múltiplas habilidades, como a observação e interpretação, promove a interdisciplinaridade e estimula o pensamento crítico.

Com o intuito de aproximar o público-alvo – estudantes do ensino médio – dos encantos dos filmes, uma estratégia é utilizar de gêneros de grande aceitação da faixa etária infantojuvenil, sendo um deles a fantasia. Para Nogueira (2010, p. 27) o filme de fantasia é:

“[...] aquele onde essa mesma causalidade mais se afasta das premissas realistas e das leis comuns do cotidiano. Aqui, as relações de causa-efeito como as conhecemos são constantemente desafiadas: seja na mente das personagens seja na mais reconhecível banalidade, tudo acaba por, a certo momento e em certas condições, se tornar possível. As leis do mundo e as suas premissas são quebradas e um novo regime de causalidade é instaurado: um novo tipo de explicações e de justificações entra em vigor”.

Contudo é mister também que o docente acompanhe e discuta com os educandos o que é real e o que é fictício dentro da obra, evitando interpretações errôneas acerca de fenômenos humanos e naturais. Sob esse viés McKee (2013, p. 78) discorre:

“[...] Estórias não se materializam do nada, mas crescem a partir dos materiais já presentes na história e na experiência humana. Do primeiro quadro, da primeira imagem o público inspeciona o seu universo ficcional, separando o possível do impossível, o provável do improvável.”



Sendo assim, a fantasia também corresponde à realidade, à medida que recria e ressignifica elementos do cotidiano, permitindo que aspectos da realidade humana sejam explorados sob novas perspectivas.

Partindo dessa afirmativa, alguns conteúdos da matriz curricular de geografia são abordados em produções cinematográficas, possibilitando ao docente associar os conceitos discutidos às obras. No campo do gênero fantasia, pode-se destacar o filme *Capitão América: o primeiro vingador* (2011), dirigido por Joe Johnston e estrelado por Chris Evans, como o Steve Rogers/Capitão América. Na obra ficcional, o jovem Steve torna-se um super soldado após participar de um experimento científico, tornando-se peça fundamental na luta contra o Nazismo.

Imagem 1: Pôster do filme Capitão América: o primeiro vingador (2011).

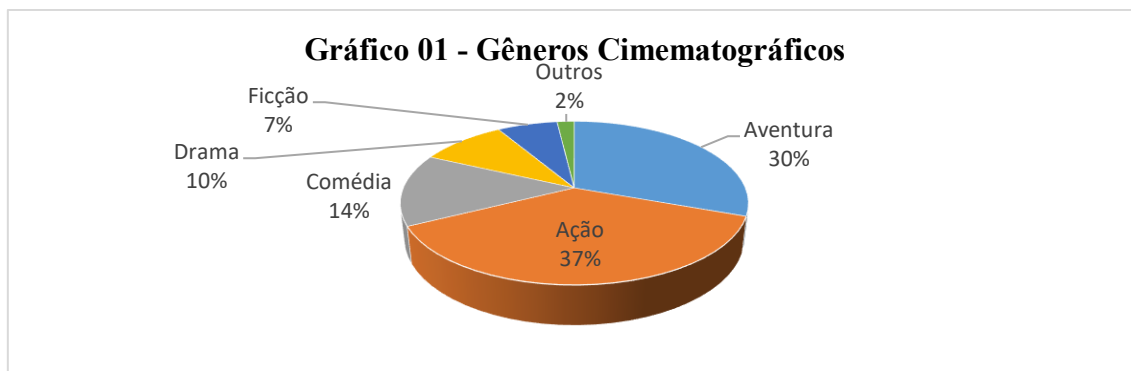


Fonte: Universo Cinematografo.

A obra em destaque possibilitou os estudantes compreenderem o contexto histórico e espacial, bem como as relações geopolíticas. Nesse hiato, os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial são discutidos, tendo como foco a rivalidade entre os Estados Unidos da América e a Alemanha, além de analisar os aspectos da migração interna e internacional no período durante e pós-guerra e a cidade de Nova York como espaço de modernidade e inovações.

Após a exibição do primeiro longa-metragem e a realização de uma discussão sobre as conjunturas relacionadas à ciência geografia, foi aplicado um questionário, acompanhado de um fichamento, junto aos estudantes do Ensino Médio. Nesse instrumento, buscou-se verificar se os estudantes já haviam estabelecido relações entre o filme e os conteúdos das Ciências Humanas, em especial Geografia e História. Do total 105 estudantes que responderam ao questionário, constatou-se que apenas 20 afirmaram que já haviam relacionado a obra cinematográfica à Segunda Guerra Mundial. Na ocasião, também, foi investigado qual o gênero cinematográfico mais consumido pelos educandos. O gráfico abaixo ilustra o real cenário:





Fonte: Autores (2025).

Percebe-se que o público adolescente consome maciçamente os produtos da indústria cultural, seguindo padrões de sucesso e sem o comprometimento da formação intelectual. De acordo com Merenciano (2011, p.3):

Para que o espectador se identifique com as produções de cinema, elas devem mobilizar temas e figuras, apropriar-se de mitos, clichês, enfim, ressemantizá-los de acordo com o tipo de público que pretendem agradar. Destinando-se, portanto, a um público diverso, buscam obter o sucesso. Uma das imagens com a qual públicos de audiovisual e leitores se identificam é a do herói.

O público infantojuvenil é alvo destas produções, visto que o universo explora o imaginário e conta história de heróis, narrativa considerada clichê, mas ainda provoca euforia e se expande dentro da faixa etária. Contudo, é mister também, refletir sobre a dialética das produções audiovisuais na promoção do conhecimento, pois elas podem atuar para a consciência ou alienação.

Outra obra utilizada para ampliar o conhecimento dos educandos através das imagens em movimento foi o filme *Okja* (2017), dirigido por Bong Joon-ho e estrelado pela atriz sul-coreana Ahn Seo-hyun como Mija. O longa metragem está centrado dentro dos gêneros de maior aceitação dos estudantes entrevistados, sendo eles: ação, aventura e comédia.

Imagem 2: Pôster do filme *Okja* (2017).



Fonte: Share.google.



A narrativa evidencia a atuação das grandes corporações para produção de alimentos transgênicos, destacando os impactos socioambientais da lógica capitalista e da padronização mundial na produção de alimentos. Além disso, o filme provoca reflexões sobre a geopolítica, uma vez que expõe a dinâmica das multinacionais, sediadas em países centrais, à vulnerabilidade de países periféricos. Nesse contexto, fica clara a subordinação dos países subdesenvolvidos aos desenvolvidos, oferecendo produtos primários com baixo valor e dependentes de tecnologia, concentrando maior parte do seu PIB (produto interno bruto) no setor primário. Ademais, a obra em questão ilustra os impactos negativos gerados ao meio ambiente pela criação maciça de gado bovino, destacando a elevação do metano na atmosfera, gás que intensifica o efeito estufa. Sob esse viés, Leff (2015, p.56) pontua:

A problemática ambiental não se restringe a um conjunto de impactos ecológicos, mas revela contradições sociais e políticas, pois questiona os fundamentos do modelo civilizatório baseado na acumulação e no consumo, colocando em xeque a racionalidade econômica dominante e abrindo espaço para novas formas de saber e de relação com a natureza.

A partir deste escrito, depreende-se que o filme *Okja* desperta desenvolve a consciência crítica dos estudantes sobre a dinâmica de produção de carne no mundo e as transformações geradas no espaço geográfico. Através de uma ficha de análise cinematográfica, os discentes responderam algumas perguntas sobre o filme, dentre elas: “Qual o tema do filme? O que os realizadores do filme tentaram nos contar? Eles conseguiram passar sua mensagem? Justifique sua resposta.” Nesse enquadramento, ficou nítido o nível de compreensão e o posicionamento dos sujeitos sobre o tema. À medida que discorreram com rigor científico os desdobramentos do sistema capitalista no campo e suas estratégias para alavancar o acúmulo de capital.

Um ponto que merece destaque é a preocupação da maior parte dos estudantes sobre os impactos ambientais negativos. Consoante Marques, Marques e Toledo (2025, p.4):

A conscientização ambiental no ensino médio é fundamental para a formação de cidadãos responsáveis, capazes de compreender e agir sobre questões ambientais. Trabalhar os tipos de poluição, suas causas e consequências, permite ao estudante relacionar os conteúdos aprendidos com sua realidade cotidiana, desenvolvendo uma postura crítica diante dos problemas ambientais.

Portanto, é nitido o impacto positivo do filme para construção do saber e desenvolvimento da consciência ambiental e o senso pertencimento ao meio ambiente, entendendo que todos devem atuar para a conservação e preservação dos ecossistemas.



Por último, foi utilizado um curta-metragem para ampliar as discussões sobre questões ambientais. Para Carvalho e Silva (2018) o documentário é um recurso didático de grande potencial, pois tem a capacidade de expor realidades socioambientais com riqueza de detalhes, além de favorecer o debate sobre as dinâmicas do espaço geográfico.

O documentário Greta Thunberg: o futuro é hoje (2021), com direção de Jordan Hill, apresenta a trajetória da jovem sueca que, depois de uma aula de Ciências no Ensino Fundamental 2, passou a se preocupar com as alterações climáticas. Greta tornou-se símbolo internacional na luta contra o aumento das temperaturas globais. Segundo a ativista, o uso intensivo de combustíveis fósseis tem contribuído para intensificação do efeito estufa. Com isso, ela exige dos órgãos governamentais e sociedade em geral ações concretas voltadas a amenizar os impactos ambientais.

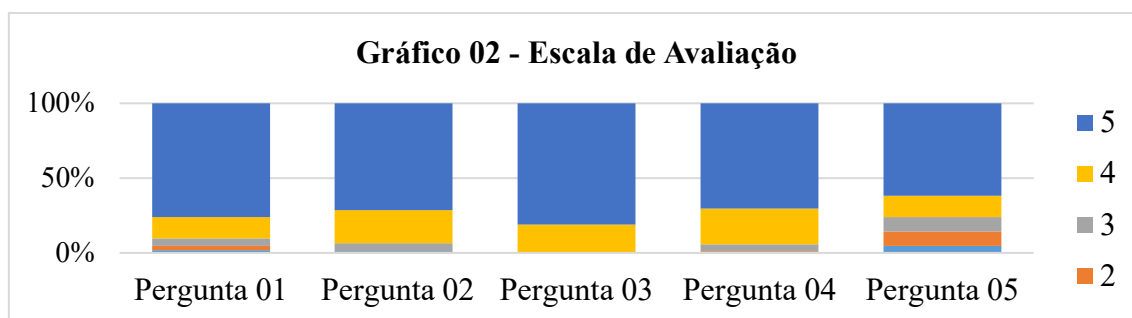
Após as três exibições e discussões em sala de aula, foi aplicado um novo questionário e promovida uma roda de diálogo com os educandos. Na ocasião, eles foram questionados sobre as contribuições das imagens em movimento para formação do senso crítico e para a ampliação do repertório cultural. O gráfico a seguir apresenta o nível de satisfação e evidencia os impactos positivos dos filmes e documentários para fixação dos conteúdos de Geografia.

Escala de avaliação:

- 01 – Os filmes e documentário ajudaram a compreender melhor os conteúdos de Geografia.
- 02 – As imagens em movimento contribuíram para formação do senso crítico.
- 03 – O uso do recurso ampliou meu repertório cultural.
- 04 – Assistir filmes/documentários ampliou meu interesse pelas aulas de Geografia.
- 05 – Senti-me mais motivado(a) a participar das discussões após as exhibições.

Observação: foi criada uma escala de 1 a 5, onde 1= discordo totalmente e 5= concordo totalmente.





Fonte: Autores (2025).

Em primeira análise, constatou-se que maior parte dos entrevistados informaram que as obras filmicas colaboraram nos estudos dos conteúdos de Geografia, pois ilustram de forma dinâmica e coerente os temas que estudados, facilitando a compreensão e tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico. Segundo Freitas e Chiapetti (2020, p.1): o filme é [...] instrumento didático-pedagógico atrativo para o ensino de Geografia, na compreensão da relação natureza-sociedade. Logo, é fundamental a exibição de filmes nas aulas de Geografia para potencializar o entendimento dos fenômenos no espaço geográfico.

Outro ponto que merece destaque é ampliação do repertório sociocultural, visto que assistir e discutir sobre os filmes e documentários possibilitou aos estudantes do ensino médio conhecerem novas realidades e refletirem sobre os temas abordados nas telas. Mais de mais 80% dos entrevistados comprovam que as imagens em movimento enriqueceram o acervo cultural, sendo usado para fundamentar argumentação de textos dissertativo-argumentativo. Posto isso, conclui-se que o projeto semeou conhecimentos e expandiu o horizonte do saber de vários estudantes, fazendo com que o estudo da ciência geográfica se tornasse mais atrativo e elucidasse temas com maior nível de complexidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstrou que os filmes e séries são ferramentas pedagógicas que potencializam o processo de ensino-aprendizagem no campo da Geografia. As sessões das imagens em movimento, articuladas com rodas de conversa e fichamentos, relevaram-se práticas exitosas para ampliar o conhecimento dos educandos, bem como fortalecer o repertório sociocultural, favorecer a análise e compreensão de fenômenos socioambientais de forma ilustrada.



A análise qualitativa evidenciou que as obras cinematográficas, quando articuladas e orientadas por um professor, não se limita a puro entretenimento, mas funcionam como instrumentos do saber. Nessa perspectiva, fica evidente que o docente pode selecionar as obras de acordo com os conteúdos do currículo para fortalecer as aprendizagens e fazer com que os estudantes contemplem novas paisagens, além daquelas do livro didático.

REFERÊNCIAS

Bluwol, Denis Zaga. **Uma Geografia do Cinema: Imagens do urbano**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2008. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/12334/1/Dennis%20Zaga%20Bluwol.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

Brasil. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 04 ago. 2025.

Brasil. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos Temas Transversais (Ética)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

Brasil. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014**. Altera o § 8º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a exibição de obras cinematográficas nacionais nas escolas de educação básica. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 27 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm. Acesso em: 04 ago. 2025.

Carvalho, Marcos Antônio; SILVA, Renata Lopes. O documentário como recurso didático no ensino de Geografia. **Revista Educação Geográfica em Foco**, v. 3, n. 2, p. 45-60, 2018. Disponível em: https://periodicos.puc-rio.br/revistaeducacaogeograficaemfoco?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 8 set. 2025.



Campos, Rui Ribeiro de. Cinema, Geografia e Sala de Aula. **Estudos Geográficos** (Rio Claro), v. 4, n. 1, p. 1-22, jun. 2006. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/216/177>. Acesso em: 04 ago. 2025.

Carmo, L. O cinema do feitiço contra o feiticeiro. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 32, Maio-Agosto, 2003. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/documentos/rie32a04.htm>. Acesso em 08 set. 2025.

Chiapetti, RJN. Os filmes como instrumento didático-pedagógico para o ensino de Geografia. **Revista de Geografia (UFSM)**, Santa Maria, v. 34, n. 2, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/37765>. Acesso em: 11 set. 2025.

Cipolini, A. **Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto**. Um estudo sobre a utilização do cinema na educação. Dissertação de mestrado em Educação. Faculdade de Educação, São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12062008-144359/publico/DissertacaoArleteCipolini.pdf>. Acesso em 01 set. 2025.

Fioravante, K. E.; Ferreira, L. F. G. ENSINO DE GEOGRAFIA E CINEMA: perspectivas teóricas, metodológicas e temáticas. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 6, n. 12, p. 209–233, 25 jan. 2017. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/360/212>. Acesso em 06 set. 2025.

Fox, Peter S. Images in geography – great expectations. **Geography London**, v. 90, n. 1, p. 3–17, mar. 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i40024704>. Acesso em: 04 ago. 2025.

Leff, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

Marques, Danielle Domingos da Silva; MARQUES, Marcelo de Souza; TOLEDO, André Luiz Lopes. Conscientização ambiental no Ensino Médio: um estudo sobre os tipos de poluição. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 20, 2025. Disponível em:



<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/19905/14093>. Acesso em: 08 set. 2025.

Merenciano, L. H. Cinema hollywoodiano e cultura de massas: entre leitores, espectadores e expectativas. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, Araraquara, v. 9, n. 1, p. 1-16, jul. 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/4419/3909>. Acesso em: 18 ago. 2025.

Napolitano, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

Neto, Francisco Otávio Landim. BARBOSA, Maria Edivani Silva. O Ensino de Geografia na Educação Básica: uma análise da formação do docente e sua atuação na Geografia escolar. In: **Geosaberes**, 2010. Disponível em: www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/44/pdf10. Acesso em: 02 jul. 2025.

Rossini, Miriam de Souza. O lugar visual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta (orgs). **História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

Share Google Imagens. **Okja**. Disponível em: <https://share.google/images/LmicFnM7Ek4B1nauy>. Acesso em 08 de set. 2025.

Silva, Joseli Maria; junckes, Ivan Jairo. **Conhecimento Geográfico II**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD. 2009. 93p. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/21342>. Acesso em: 09 de set. 2025.

Viana, Marger da Conceição Ventura; ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. O cinema como uma ferramenta pedagógica na sala de aula: um resgate à diversidade cultural. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 137-144, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/25057>. Acesso em: 08 ago. 2025.

Universo Cinematográfico Marvel. **Capitão América: o primeiro vingador**. Disponível em: https://universocinematograficomarvel.fandom.com/pt-br/wiki/Capit%C3%A3o_Am%C3%A9rica:_O_Primeiro_Vingador. Acessado em: 20 jul. 2025.

